



Modernismo é ter orquestra em São Paulo: música sinfônica na crítica de Mário de Andrade no *Diário Nacional*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

André Acastro Egg

UNESPAR – Campus de Curitiba II – andre.egg@unespar.edu.br

Resumo: Entre os conceitos que são atribuídos a Mário de Andrade e ao modernismo musical no Brasil, o principal é a ideia de criação de uma música nacional baseada no folclore. Ao analisarmos sua produção crítica, nota-se a grande importância dada à música sinfônica. Este texto aponta para o tratamento dado por Mário de Andrade para a música sinfônica em São Paulo em seus textos, concentrando-se naqueles escritos para o jornal *Diário Nacional* no ano de 1927.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Modernismo Musical. Música Sinfônica.

Modernism is To Have Orchestra in São Paulo: Symphonic Music in Criticism of Mário de Andrade in the *Diário Nacional*

Abstract: Many concepts are often assigned to Mário de Andrade concerning Musical Modernism in Brasil, mainly the issue of composition based in national folk songs. But other aspects are developed on his critical writings, especially the maintenance of an Orchestra in São Paulo. This paper discusses why symphonic music matters on critical writings of Mário de Andrade, especially on those for the *Diário Nacional* in 1927.

Keywords: Mário de Andrade. Musical Modernism. Symphonic Music.

1. Mário de Andrade – modernismo e crítica musical

O pensamento musical de Mário de Andrade é muito comentado e discutido, e talvez seu aspecto mais enfatizado seja a defesa da produção de música nacional baseada no folclore. Este aspecto do modernismo musical *marioandradiano* foi o que obteve os melhores resultados: a criação de uma escola de compositores. Esta ênfase é dada no *Ensaio sobre a música brasileira* (ANDRADE, 1972), que dá recomendações aos compositores. O livro estabeleceu-se como referência estética, a ponto de ser chamado por Arnaldo Contier de “bíblia” dos compositores brasileiros (CONTIER, 1988, 1996).

Mas nos textos de Mário de Andrade, seu pensamento musical abrangeu outros aspectos importantes. Contier também demonstra que o modernismo logrou criar uma escola de compositores, mas falhou em dar-lhes um sistema (orquestras, editoras, público). Jorge Coli (COLI, 1972) ressaltou que o pensamento musical do escritor foi multifacetado, e não apareceu em livro de maneira sistemática. A compreensão do pensamento do escritor passaria pela análise de textos espalhados em órgãos de imprensa, até hoje não publicados.

Esta problemática motivou a pesquisa que desenvolvo nos anos recentes, estudando sua crítica musical, especialmente a produção destinada ao jornal *Diário Nacional*.

Parte do que Mário de Andrade escreveu para o jornal foi publicada em livro pelo próprio autor ou em edições póstumas (ANDRADE, 1963, 1976, 2005). *Táxi e crônicas do Diário Nacional* reúne produção literária, *O turista aprendiz* crônicas de viagem e *Música, doce música* crítica musical. As críticas reunidas neste último livro são textos selecionados do jornal. Trabalho com a ideia de que os textos não revisados e não editados posteriormente fornecem melhores pistas do desenvolvimento do pensamento do autor, com suas características próprias de fluxo diário que marcam esta produção.

2. A importância da música sinfônica em textos de Mário de Andrade

A questão da importância da música sinfônica pode ser considerada um dos pontos principais das propostas de modernização artística. O ideal sinfônico aparece como símbolo de uma música intelectual, de caráter mais elevado. Sinfonias, sonatas e quartetos de cordas tiveram que se bater com outros gêneros considerados de menor relevância, como ópera, música de dança, canções. Essa disputa de hierarquias na produção musical foi muito acentuada nos séculos XVIII e XIX, quando a produção musical ganhou os contornos atuais como gênero autônomo em relação à fruição da aristocracia estabelecendo a tradição clássica (BLANNING, 2011).

A mesma questão teve grande importância no Brasil Imperial (CARDOSO, 2006; AZEVEDO E SOUZA, 2003). No Rio de Janeiro, a produção musical destinada à sociabilidade da corte, principalmente ópera e música litúrgica, foi dominante nos espaços controlados e financiados pelo governo imperial. Mas havia a demanda por sonatas e sinfonias, produção que se desenvolveu mais fortemente nos períodos de crise da atividade musical controlada pela corte. A implantação da República foi marcada por reformas institucionais e por ampliação dos espaços da música sinfônica, notadamente na atuação do grupo que Avelino Romero Pereira identificou como “República Musical” (PEREIRA, 2007).

Quando Mário de Andrade começou seu ativismo em defesa da modernização da vida musical paulistana, tratou de logo apontar a questão da necessidade de música sinfônica, comparando a pobreza da cena em São Paulo com a situação já bem mais avançada existente no Rio de Janeiro. Esta questão aparece em “Pianolatria”, publicado na revista *Klaxon* (ANDRADE, 1922). Neste texto o autor afirma que São Paulo é uma cidade de vida musical limitada, pois seus heróis são apenas Carlos Gomes, compositor de óperas, e Guiomar Novaes, pianista. Para ele, o gosto pelo piano é sinal de atraso musical. Faltam flautistas e violinistas, falta interesse do público por música que não seja pianística, falta um quarteto de cordas ativo na cidade, e falta, principalmente, música sinfônica. Nas palavras do crítico:

Mas qual! Há uma fada perniciosa na cidade que a cada infante dá como primeiro presente um piano e como único destino tocar valsas de Chopin!... [...] E manifestações mais elevadas da música? E o quarteto e a sinfonia? [...] E no Rio há tudo isso. Há tradição de violino, de violoncelo, de canto... Com que inveja verificamos há pouco o admirável conjunto de Paulina d'Ambrósio! No Rio ouve-se a sinfonia periodicamente. No Rio há uma educação musical. São Paulo tem apenas uma educação pianística, uma tradição pianística. Necessitamos dum quarteto verdadeiramente activo. Precisamos proteger a Sociedade de Concertos Sinfônicos, em tão boa hora inaugurada. Só então, livre do preconceito pianístico, São Paulo será musical. (ANDRADE, 1922: 8)

Quando escreveu este texto, Mário de Andrade era professor do Conservatório Dramático Musical de São Paulo. Nos meses anteriores tinha se destacado como um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, realizada em Fevereiro no Teatro Municipal. Ao longo da década de 1920 tornou-se colaborador assíduo em diversas revistas e jornais de cunho modernista (uma lista aparece em BATINI, 2011: 11). Para estes periódicos, escreveu sobre música, literatura e artes plásticas, defendendo a criação de uma arte nacional, e procurando contar com apoio de diversos artistas e intelectuais. Os textos para jornais e revistas escritos por Mário de Andrade ao longo da década de 1920 serviram como um laboratório para o desenvolvimento de ideias que viriam aparecer de forma mais elaborada em textos futuros (QUINTERO RIVERA, 2002). Isso que fica atestado pelo fato de que vários livros publicados pelo escritor (e também textos póstumos organizados por pesquisadores de sua obra) foram criados a partir da reunião de textos de imprensa revisados.

Um exemplo é o livro *Música, doce música*, publicado em 1933, a partir de textos publicados no *Diário Nacional* no período entre 1927-32. O trabalho de Mário de Andrade como colunista no jornal, escrevendo quase que diariamente e tendo a crítica musical como um dos mais importantes assuntos, foi um marco importante na sua carreira profissional e na cena musical paulistana. O posto de Mário de Andrade no *Diário Nacional* marcou o surgimento da crítica musical em São Paulo, ideia que já defendi e expliquei em outro texto (EGG, 2013), contrariando a noção de que o primeiro crítico na cidade tenha sido Caldeira Filho a partir de 1947 (CAVALHEIRO FILHO, 1996).

Em *Música, doce música*, Mário de Andrade organizou uma seção sobre orquestras em atividade em São Paulo. No capítulo “Música de Pancadaria”, uma parte ficou reservada sob o título “Luta pelo sinfonismo” (ANDRADE, 1963: 219-248). Já analisei estes textos em um trabalho anterior (EGG, 2014), mas cabe aqui indicar que são dedicados à atividade de duas orquestras rivais que existiram em São Paulo no período: a Sociedade de

Concertos Sinfônicos, fundada em 1921 e a Sociedade Sinfônica de São Paulo, que teve sua curta atividade acompanhada de perto pelo atento crítico do *Diário Nacional*.

No acompanhamento da programação das orquestras, Mário de Andrade fez apontamentos sobre o repertório escolhido, sobre a atuação do conjunto musical e dos regentes. Em outra seção do livro acompanhou o trabalho de Villa-Lobos como regente convidado para 8 concertos em 1930. No último texto da série, publicado em 2 de dezembro, Mário de Andrade reputou ao maestro o fracasso da iniciativa da Sociedade Sinfônica de São Paulo – somando a outros fatores como o próprio comportamento dos músicos:

Mas a culpa não era só deles não. Villa-Lobos, nem que morresse de fome, não devia se conservar na regência. Não é feio ceder quando isso resulta em bem comum. Todos víamos entristecidos que a Sociedade Sinfônica de São Paulo, iniciada gloriosamente, cujos primeiros concertos foram dos mais belos que já se conseguiu no Brasil, todos víamos entristecidos a degradingolada em que ela ia. Fuga de sócios, combate mesquinho de pseudocompositores, abatimento na orquestra, impossibilidade dos jornais perseverarem numa crítica pragmática, injustiça de programas que só muito mal representavam a música brasileira [...] A Sociedade, que Villa-Lobos recebeu em plena pujança, em unanimidade vitoriosa, ele a deixa nas portas da morte. (ANDRADE, 1963: 164)

Este episódio praticamente selou uma ruptura entre Mário de Andrade e Villa-Lobos, que andaram próximos durante a década de 1920. O escritor foi sempre crítico de aspectos da produção composicional de Villa-Lobos, mas nada se compara às restrições que fez a sua atuação institucional. Teve peso significativo o trabalho com a orquestra em São Paulo, reforçando uma questão que podemos considerar central no pensamento de Mário de Andrade: a importância Villa-Lobos como compositor podia ser eclipsada por sua atuação nas instituições. Ao prejudicar o funcionamento de uma orquestra que já passava por dificuldades diversas, Villa-Lobos causava um prejuízo irreparável à vida musical paulistana.

Depois de criticar Villa-Lobos, Mário de Andrade ressaltou o trabalho de Lamberto Baldi. Quando ele partiu para uma série de concertos em Montevideú, sem saber que jamais voltaria, o crítico escreveu em 20 de agosto de 1931:

E agora Lamberto Baldi parte para Montevideú onde regerá uma temporada de oito concertos. E, pois que Montevideú está nos roubando tudo o que temos de melhor e de mais educativo em nossa música, é muito capaz que nos roube Lamberto Baldi também. Será para nós uma perda difícil de reparar. Em qualquer caso porém Lamberto Baldi faz jus a maior gratidão dos paulistas, e a sua passagem por São Paulo já está indelevelmente gravada em nossa vida musical pelos alunos e execuções sinfônicas que entre nós ele realizou. (ANDRADE, 1963: 248)

Entre o compositor brasileiro e o regente italiano, Mário de Andrade não duvidou. Tal atitude demonstra que a defesa da música e do compositor nacional não era o principal ponto do projeto modernista, dividindo o espaço com a questão da atividade sinfônica.

A importância dada por Mário de Andrade à música sinfônica voltaria a se destacar quando do exercício do cargo de Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, para o qual o escritor foi nomeado em 1935. Entre suas principais medidas estiveram as tentativas de dotar São Paulo de instituições culturais perenes: Coral Paulistano, quarteto de cordas, concertos para amplas audiências, orquestra. Antes de assumir a direção do Departamento, Mário de Andrade já vinha colaborando com um projeto da Sociedade de Cultura Artística. Quando Ester Mesquita assumiu a direção da entidade em 1933, tomou providências para retomar as atividades sinfônicas que estavam paralisadas na cidade. Em 1934 organizou uma orquestra e uma temporada de 10 concertos, sob regência de Ernst Mehlich, radicado em São Paulo (ÂNGELO, 1998: 111-117). Após o sucesso dessa temporada, Mário de Andrade conseguiu que a de 1935 fosse financiada pela municipalidade, gerando o embrião do que viria a ser a Orquestra Municipal de São Paulo. A proposta de produzir concertos sinfônicos visando a uma melhoria cultural da cidade seria ampliada em 1936 quando o Departamento de Cultura iniciou os concertos populares, no Teatro Municipal com entrada gratuita e em horários favoráveis aos trabalhadores. Tal iniciativa é descrita e analisada no livro de Roberto Barbato Jr (BARBATO JR, 2004: 151-163). Flavia Toni também reforça a ligação entre a experiência de Mário de Andrade como crítico musical que comentou a atividade orquestral no *Diário Nacional* e a iniciativa de manter uma orquestra regular funcionando no âmbito do Departamento de Cultura em 1936 (TONI, 1995).

3. No *Diário Nacional*, em 1927: São Paulo precisa de orquestra

Nos primeiros textos do escritor publicados no *Diário Nacional* (hoje inéditos) aparece o assunto da orquestra sinfônica e sua atividade em São Paulo. Quando começou a escrever para o jornal Mário de Andrade assumiu a coluna “Arte”. Antes dos textos assinados a seção trazia apenas textos informativos sobre a programação da cidade, mas agora os textos tornaram-se opinativos, em estilo pessoal, e carregados da doutrina modernista. O primeiro texto foi publicado em 20 de agosto com o título “Victor Brecheret”, e tratou da arte tumular do escultor. Em 21, 23, 24 e 25 de agosto, os textos publicados foram comentários de concerto tratando de apresentações de piano solo, violino e piano ou voz e piano.

Em 27 e 28 de agosto, dois textos comentaram homenagens de autores europeus ao centenário da morte de Beethoven. Em 27 de setembro o colunista voltou com um texto

sobre um recital de poesia. Em 30 de setembro, a coluna discutiu o estado das artes plásticas contemporâneas. Em 1º de outubro, após ter já escrito 9 textos, Mário de Andrade publicou o primeiro comentário de um concerto sinfônico. Em “Sinfônica e Quarteto Paulista” o crítico comentou parte de um concerto da Sociedade de Concertos Sinfônicos, no Teatro Municipal. Interessado na *Sinfonia* de César Franck, Mário de Andrade decidiu acompanhar a parte inicial do concerto aproveitando da curta distância para assistir parte de outro concerto no Conservatório. O texto critica a interpretação da orquestra regida por Torquato Amore, mas faz a ressalva: “me vejo na obrigação de afirmar mais uma vez o mérito da Sociedade de Concertos Sinfônicos. O fato de uma sociedade apresentar mal uma peça não desonra ninguém, tanto mais se tratando de uma corporação orquestral”.

Em 14 de outubro, novo texto comentando duas estreias de obras na Europa. No dia 15, o crítico compara os efeitos obtidos por Jararaca e Ratinho num musical assistido no Teatro Santanna com outras formas de humor musical observadas em alguns compositores e intérpretes europeus. Dia 16 saiu “Coros infantis”, comentando uma apresentação do Orfeão Infantil Paulista, regido por João Gomes Junior. No dia 18 o assunto voltou a ser as artes plásticas, com texto sobre Antonio Gomide. E dia 19 saiu crítica de um recital de piano.

Dia 20 de outubro, a propósito do concerto da Sociedade de Concertos Sinfônicos com solo de violino, Mário de Andrade iniciou uma série de textos tratando da orquestra – um total de 5 textos publicados entre dia 20 e dia 27. Esta série veio mostrar uma dura realidade: o primeiro texto, de 20 de outubro, é bastante negativo, considerando o repertório fraco e apontando mau desempenho do solista e da orquestra. O segundo texto, do dia 21, cita e comenta uma carta recebida antes do concerto, informando o grave problema que foi a saída do maestro Lamberto Baldi da Sociedade. No dizer do missivista, o maestro italiano saía por desacordo com o pouco número de ensaios a que os músicos se dispunham. Mário de Andrade considerou o missivista pessimista, e defendeu o trabalho da orquestra, considerando que uma sequência de dois concertos ruins era insuficiente para perder todo o bom trabalho que a orquestra vinha fazendo. No próximo texto, publicado dia 25, surge a questão das brigas e rivalidades entre músicos, considerada o pior problema que uma orquestra pode enfrentar. Mas ainda assim, defende a postura dos músicos da Sinfônica:

Que admiráveis por isso mesmo, que dedicados e nobres esses músicos da Sociedade de Concertos Sinfônicos de São Paulo, que, morando neste vilarejo artístico onde a vaidade é lei, se reúnem, aceitam seus postos humildes num mutirão de arte onde quase só podem ter sacrifícios! [...] O que falta é ensaio. Com este e com regente verdadeiro, a sinfônica se tornará num átimo uma orquestra tão boa como as que mais o sejam.

No penúltimo texto da série, publicado dia 26, aparece outra questão que será crucial para o destino da orquestra. Mário de Andrade revela que a Sociedade está endividada em decorrência do convite ao compositor e regente italiano Otorino Respighi em concertos anteriores. O crítico considera que os concertos foram de grande relevância para a cidade, e que a dívida é de pouca monta para algum provável mecenas. Compara com o caso de uma coação recebida pela orquestra de Boston, e reclama a existência de alguém em São Paulo capaz de fazer o mesmo:

Não é crível que numa cidade vasta e bem rica, tal qual São Paulo, se encontre gente capaz de jogar fora trinta e mais contos de réis por qualquer bobagem pictural da Galeria Blanchon, e não haja um só mecenas que permita à Sinfônica continuar o seu trabalho nobre de cultura.

No último texto da série, publicado dia 27 de outubro, Mário de Andrade aponta para mais um problema – a falta de um público entendido de orquestra. Retomando seu artigo “Pianolatria”, de 1922, o crítico considera que faz muito mal para a orquestra o público sem cultura musical, que aplaude as piores obras e não reconhece os esforços feitos para tocar obras mais significativas. Com isso a orquestra se acomoda.

Ainda saíram mais dois textos tratando da orquestra: no dia 27 de novembro e no dia 11 de dezembro. Em ambos, crítica muito elogiosa a dois concertos, novamente com Lamberto Baldi na regência. Com ele a orquestra ia para onde o crítico desejava: repertório moderno, bem executado e prestígio a compositores locais. Apesar de o ano terminar bem, nos textos de 1927 se percebe o problema ao qual Mário de Andrade se dedicará nos próximos anos. São Paulo tem uma orquestra, ativa por 6 anos, mas ela está mergulhando numa crise, que levará nos anos seguintes à criação de uma nova orquestra, incentivada pelo próprio Mário de Andrade e com apoio de mecenas por ele convencidos a entrar na empreitada. Já conhecemos os textos que ele selecionou para o volume *Música, doce música*. Mas o estudo dos textos direto no jornal nos revela mais alguns pontos antes obscuros desta trajetória da música sinfônica em São Paulo. Flavia Toni também trata dos textos dedicados à Sociedade de Concertos Sinfônicos e à Sociedade Sinfônica de São Paulo, mas o faz a partir de recortes do jornal e programas de concerto preservados no arquivo do escritor no IEB (TONI, 1995 - a comparação de informações de seu texto com a lista de críticas que encontrei pesquisando no acervo do *Diário Nacional* me permitem deduzir que os recortes que ela manuseou não correspondem à produção total de Mário de Andrade para o jornal).



O jornal no qual Mário de Andrade escrevia era o órgão de imprensa do recém criado Partido Democrático de São Paulo. Surgido da atuação de membros da elite paulistana insatisfeitos com a gestão do Partido Republicano Paulista, o PD seria um importante esteio das transformações políticas, e apoiaria a Revolução de 1930. Essa sede de mudança institucional, que o *Diário Nacional* defendia, não podia estar melhor representada nos assuntos culturais do que nos textos de Mário de Andrade. Podemos defini-lo como um crítico musical “de oposição”. O que ele espera em São Paulo é nada menos que uma Revolução nos costumes artísticos, capaz de dar significação à cidade que ele considera provinciana e acanhada. Ter uma orquestra de bom nível se torna, assim, tão significativo quanto qualquer outra iniciativa política que pudesse ser imaginada pelos líderes democráticos.

Referências:

- ANDRADE, Mário de. Pianolatria. *Klaxon mensário de arte moderna*, São Paulo, n. 1, p. 8, 1922.
- ANDRADE, Mário de. *Música, doce música*. São Paulo: Martins, 1963.
- ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1972.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas do Diário Nacional*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.
- ÂNGELO, Ivan. *85 anos de cultura: história da Sociedade de Cultura Artística*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- AZEVEDO E SOUZA, Carlos Edudardo de. *Dimensões da vida musical no Rio de Janeiro: de José Maurício a Gottschalk e além, 1808-1889*. Tese de Doutorado. PPGHIS, UFF, Niterói, 2003.
- BARBATO JR., Roberto. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2004.
- BATINI, Rafael Antonio. *O contista Mário de Andrade e seus pseudônimos no Diário Nacional: edição dos textos*. Dissertação de Mestrado. FFLCH, USP, São Paulo, 2011.
- BLANNING, Tim. *O triunfo da música: a ascensão dos compositores, dos músicos e de sua arte*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- CARDOSO, Lino de Almeida. *O som e o soberano: uma história da depressão musical carioca pós-abdicação (1831-1843) e de seus antecedentes*. Tese de Doutorado. FFLCH, USP, São Paulo, 2006.
- CAVALHEIRO FILHO, Roberto Dante. *Música na pauta jornalística de O Estado de São Paulo: 1947-1968*. Dissertação de Mestrado. ECA, USP, São Paulo, 1996.
- COLI, Jorge. Mário de Andrade: introdução ao pensamento musical. *Revista do IEB*, São Paulo, n. 12, p. 111-136, 1972.
- CONTIER, Arnaldo. *Brasil novo: música, nação e modernidade (os anos 20 e 30)*. Tese de Livre Docência. FFLCH, USP, São Paulo, 1988.
- _____. O Ensaio sobre a música brasileira: estudo dos matizes ideológicos do vocabulário social e técnico-estético (Mário de Andrade, 1928). *Revista Música USP*, São Paulo, v. 6, p. 75-121, 1996.



EGG, André. Mário de Andrade no Diário Nacional: o surgimento da crítica musical profissional em São Paulo e o ideário do modernismo musical. In CONGRESSO DE MÚSICA, HISTÓRIA E POLÍTICA, (1.), 2012, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná, 2013. p. 42-58.

_____. Embates modernistas na crítica musical de Mário de Andrade nos anos 30. In: CASCUDO, Teresa; GAN, Germán (eds.) *Palabra de crítico: estudios sobre música, prensa e ideologia*. Aracena, Espanha: Doble J, 2014. p. 83-103.

PEREIRA, Avelino Romero. *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República Musical*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

QUINTERO RIVERA, Mareia. *Repertório de indentidades: música e representação do nacional em Mário de Andrade (Brasil) e Alejo Carpentier (Cuba). (Décadas de 1920-1940)*. Tese de Doutorado. FFLCH, USP, São Paulo, 2002.

TONI, Flavia Camargo. Uma orquestra para São Paulo. *Revista Música*, São Paulo, vol 6, n. 1/2, p. 122-149, 1995.